

HOMO DEUS: UMA BREVE HISTÓRIA DO AMANHÃ

Emerson Silva*

Resenha de HARARI, Yuval Noah. **Homo Deus**: uma breve história do amanhã. Tradução Paulo Geiger. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. 448p.

Yuval Noah Harari é um historiador israelense professor na Universidade Hebraica de Jerusalém. Ph.D. em história pela Universidade de Oxford, é também autor do best-seller internacional *Sapiens: uma breve história da humanidade*, já publicado em mais de 35 países. Em *Homo Deus* se dedica mais uma vez a interdisciplinaridade que resultou no seu sucesso de vendas: a combinação de história, filosofia e ciência na investigação sobre o futuro da humanidade. O livro é dividido em uma introdução, subdividida em dez partes, e vários capítulos organizados em três grandes seções. O objetivo da obra é investigar o futuro que parece estar disposto a espécie humana através da evolução tecnológica, assim como suas possíveis consequências.

De uma maneira geral, o livro traça o percurso sobre as expectativas da humanidade pontuando as dificuldades já superadas, novas compreensões e desafios para o terceiro milênio; na primeira seção: *O homo sapiens conquista o mundo*, aborda a relação dos seres humanos com os animais, assim como as formas utilizadas pelos sapiens para conquistar o mundo. É ressaltado a constituição animal da natureza

* Doutorando em Ciências da Religião na Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Mestre em Ciências da Religião - UNICAP (2018). Graduado em Teologia pela Faculdade de Teologia Integrada / Instituto Aliança de Linguística, Teologia e Humanidades – FATIN/IALTH (2019). Graduado em Serviço Social pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE (2015). Integra o projeto de pesquisa: Alteridade Ética como Religião do Outro em Emmanuel Lévinas (UNICAP). Email: silvaemerson900@gmail.com; Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7624121850381866>. Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0003-2399-5891>.

humana e como esta relação pode nos ajudar a compreender um suposto relacionamento futuro entre super-humanos e humanos menos inteligentes; na segunda: *O homo sapiens dá um significado ao mundo*, a partir de uma série de conclusões já estabelecidas, Harari aborda a construção histórico-cultural do homo sapiens em torno do credo humanista sobre a centralidade do homem, destacando as principais implicações sóciohistóricas e culturais dessa compreensão; na terceira e última seção: *O homo sapiens perde o controle*, apresenta-se uma descrição precisa dos nossos impasses e possíveis conquistas futuras por meio dos incursos tecnológicos cada vez mais efetivos nas sociedades humanas, a seção avaliza de uma forma mais aprofundada o futuro da humanidade.

É salientado na introdução que a presente obra não trata de lançar prognósticos sobre o futuro e nem se constitui como um manifesto político, mas visa discutir sobre as nossas escolhas atuais e suas implicações sobre o gênero humano: “Minha previsão está focada no que o gênero humano vai *tentar* alcançar no século XXI, e não no que vai *conseguir* alcançar” (p.64).

Na primeira seção do livro dois capítulos são trabalhados sob os títulos: *O Antropoceno* e *A epifania humana*. Em *O Antropoceno*, abordam-se as conquistas deste “novo homem”, como indica a etimologia do título. Harari descreve o processo de evolução humana desde suas relações mais primitivas com a natureza até a Revolução científica, prefigurada na subjugação total pelo homem do meio ambiente. Das compreensões mais elementares das sociedades em que: “as pessoas falavam com animais, árvores e pedras, e também com fadas, demônios e fantasmas [...] (p.83)” e “dessa rede de comunicações emergiam os valores e as normas que comprometiam igualmente humanos, elefantes, carvalhos e assombrações” (p.83); às novas formas de exploração da ciência e das indústrias modernas, em que a natureza passa a ser interpretada como um conjunto de “algoritmos”, expressos em cálculos de funcionamento e totalmente controlados pelos seres humanos.

No capítulo *A epifania humana* é discutido sobre o lugar de destaque relacionado ao sapiens e, como a partir desta evidência, os seres humanos obtiveram suas extensas conquistas em detrimento dos outros animais. Ao iniciar a discussão Harari questiona: “Será que a vida humana é mais preciosa que a vida dos suínos simplesmente porque

o coletivo humano é mais poderoso do que o coletivo suíno?” (p.108) e “Qual seria a singular epifania humana?” (p.109).

O autor menciona a clássica tese da existência de uma consciência nos seres humanos atrelada a uma sequência de experiências subjetivas, inexistente, portanto nas outras espécies. Estas cadeias de experiências subjetivas apresentam duas características fundamentais: sensação e desejo. Nenhuma inteligência artificial pode desfrutar de sentimentos ou ansiar por nada. Da mesma forma os animais, em que todo o seu possível relacionamento afetivo está radicado em seus instintos, e não em uma subjetividade marcada por estas características.

Ao invés dos paradigmas da mente e da consciência, ainda indecifráveis pelo método científico, Harari destaca a função algorítmica da constituição humana. Afirma que o sapiens é composto por um sistema de processamento de dados em que, uma série de ações executáveis são calculadas, com a finalidade de resolver os mais variados tipos de problemas. Atrelada a este bom funcionamento matemático, responsável pela proteção e reprodução da espécie, está a capacidade humana de cooperação em grande escala, assim como a flexibilidade relacionada a esta interação. Fora este o grande feito humano que o permitiu conquistar o mundo: “se os humanos não tivessem aprendido a cooperar com flexibilidade e em grande escala, nossos cérebros astutos e nossas mãos ágeis ainda estariam quebrando lascas de pedras, e não átomos de urânio” (p.139).

Na segunda seção, *O homo sapiens dá um significado ao mundo*, disposta em quatro capítulos: *Os contadores de histórias*, *O estranho casal*, *A aliança moderna* e *A revolução humanista*, o autor aborda a relação intersubjetiva dos humanos responsável pela criação de uma vasta rede de entidades imaginárias, perceptíveis a partir das experiências humanas, assim como as suas relações de poder. Harari destaca as relações estabelecidas entre uma infinidade de histórias, culturalmente responsáveis por estruturar sociedades humanas inteiras, bem como as suas apropriações feitas pela religião e pela ciência.

No capítulo *Os contadores de histórias*, é registrado a materialização destes entes imaginários na escrita e no dinheiro, possibilitando uma vasta rede de cooperação humana, fortemente demarcada nos seus aspectos intersubjetivos. A construção de

Impérios, corporações, a acumulação de riquezas, a deificação dos Faraós, foram alguns dos intentos alcançados por esta estruturação algorítmica que, a fixação de histórias por escrito garantiu: “a escrita também fez com que fosse mais fácil aos humanos acreditar na existência dessas entidades ficcionais porque habituou as pessoas a experimentar a realidade por meio da meditação e de símbolos abstratos” (p.171).

Todavia, salienta-se a extensão destas narrativas à domínios de cooperação caracterizados por interesses e objetivos puramente “ficcionais”: “Elas não deveriam se tornar nossos objetivos, ou nossos parâmetros. [...] Corporações, dinheiro e nações existem apenas em nossa imaginação. Nós os inventamos para nos servirem; porque chegamos a sacrificar as nossas vidas a seu serviço?” (p.185).

No capítulo *O estranho casal*, menciona-se o surgimento da ciência moderna e a compreensão que todas estas narrativas ficcionais dariam lugar a um conjunto de fatos cientificamente comprovados sobre a estruturação da vida e sociedade humana. Embora não se possa julgar pelo parâmetro científico uma série de valores que se resultaram destas histórias, há ao menos a possibilidade de verificar determinadas declarações factuais a elas associadas. No entanto, estas constatações científicas nem sempre são facilmente desassociáveis dos dogmas religiosos: “Religiões apresentam a tendência irritante de transformar declarações factuais em juízos éticos, criando com isso uma grande confusão e obscurecendo o que deveriam ser debates muito simples” (p.202).

Harari finda a argumentação destes dois primeiros capítulos salientando a indissociável contribuição da ciência e da religião para formação desta vasta rede de cooperação humana registrada: “Sem a mão condutora de alguma religião, é impossível manter a ordem social em grande escala” (p.204). E mais: “De acordo com isso, seria mais correto considerar a história moderna como um processo de formulação de um acordo entre a ciência e uma religião específica – ou seja, o humanismo” (p.205).

No capítulo *A aliança moderna*, o autor afirma que o mundo moderno, embora não conferindo um sentido no plano cósmico para os seres humanos, fora capaz, ainda assim, de lhes permitir um significado para além do progresso científico e crescimento

econômico – a experiência humana: “Enquanto, tradicionalmente, o grande plano cósmico emprestava um significado à vida humana, o humanismo inverte os papéis e espera que as experiências dos humanos deem significado ao grande cosmos” (p.228).

No capítulo *A revolução humanista*, é mostrado como os humanos conferem sentido a tudo o que lhe cercam, podendo inclusive, resgatar alguns dos principais significados importantes para a vida humana anteriores ao mundo moderno. As relações éticas, embora não sejam mais pautadas pelos desígnios de seres sobrenaturais ou por escrituras sagradas, são agora vividas a partir do “mundo interior dos indivíduos”, internalizadas através dos sentimentos humanos: “Você experimenta o inferno toda vez que incendeia os fogos da raiva e do ódio em seu coração e curte a felicidade celestial quando perdoa os seus inimigos, se arrepende dos próprios malfeitos e partilha sua riqueza com os pobres” (p.239).

Na última seção do livro, dividida em quatro capítulos: *A bomba relógio no laboratório*, *O grande desacoplamento*, *O oceano da consciência* e *A religião dos dados*, o autor passa a construir uma série de argumentos em torno de novas formas de projeção da experiência humana por meio tecnológicos. No capítulo *A bomba relógio no laboratório*, constata-se que os humanos não possuem um livre arbítrio, termo que para ele está vinculado a uma individualidade composta por um “eu puro”, “indivisível”, e essencialmente livre. As ações humanas são produto de processos eletroquímicos dos cérebros “[...] determinísticos ou aleatórios, ou uma combinação dos dois – mas nunca são livres” (p.286). O homem possui suas ações coordenadas pelos seus desejos, e para ele isto não constitui uma ação “livre”, mas uma função algorítmica determinada por um conjunto de redes neurais, ou um ato simplesmente aleatório.

Harari reitera as suas afirmações apresentando um conjunto de experimentos realizados em torno de estímulos artificiais produzidos no cérebro humano, em que se conseguiu obter êxito no comportamento dos indivíduos mediante o condicionamento realizado. Ao que problematiza: “Contudo, se e quando essa manipulação se tornar rotineira, o suposto livre arbítrio pode tornar-se só mais um produto que se pode comprar” (p.293).

No capítulo *O grande desacoplamento*, o mais importante desta última seção, é trabalhada a ideia nunca antes vista em toda a história da humanidade: a separação entre inteligência e consciência, mediante a constituição de programações artificiais responsáveis por desempenhar tarefas até então realizadas exclusivamente por seres conscientes: “[...] estão em desenvolvimento novos tipos de inteligência não consciente capazes de realizar essas tarefas muito melhor que o humanos” (p.314). Tal desacoplamento lega ao século XXI três grandes desenvolvimentos práticos: a perda da utilidade econômica e militar dos seres humanos; a perda de sua “individualidade”, pautada na ideia de que somos livres e detentores de um “eu” único, e a grande estima possivelmente conferida aos novos seres humanos aprimorados por estas programações artificiais. Com suas redes intersubjetivas de significados totalmente inferiores a esta nova etapa do curso da humanidade, Harari termina o item com a seguinte questão: “Que novas religiões ou ideologias poderão preencher o vácuo resultante e orientar a evolução dos nossos descendentes divinóides” (p.353).

No capítulo: *O oceano da consciência*, o autor inicia a discussão sobre os grandes credos que surgirão no século XXI pautados no desenvolvimento tecnológico, são estes: *tecno-humanismo* e *a religião dos dados*. Sobre o primeiro, Harari afirma ser uma espécie de aprimoramento da mente humana: “O tecno-humanismo busca aprimorar a mente humana e nos dar acesso a experiências desconhecidas e a estados de consciência não familiares” (p.356). Não apenas a condução por dimensões até então não exploradas, mas também a manipulação das vontades. Ao que contesta o autor: “Mas, uma vez de posse desse controle, o tecno-humanismo não saberia o que fazer com ele porque a sagrada vontade humana se tornaria apenas mais um produto de um designer” (p.369).

O último capítulo, *A religião de dados*, trata da famigerada conversão das experiências humanas em uma “internet de todas as coisas”. Tal fenômeno é nomeado por Harari como *dataísmo*, e consiste nesta compreensão que toda a realidade pode ser dimensionada em um pequeno conjunto de dados, intercalados a outro circuito maior de processamento. É levantada a questão sobre alguns dos mais importantes sistemas de controle social do nosso tempo: democracia e capitalismo e, se eles conseguiram subsistir as revoluções tecnológicas empreendidas pelo dataísmo.

Toda a história humana é uma história de processadores de dados pertencentes a estágios diferentes de aprimoramentos. A revolução cognitiva, que possibilitou aos seres humanos saberem que “sabiam”, a criação da agricultura, a invenção da escrita e do dinheiro e por último, a revolução científica empreendida no mundo moderno, consiste em meios de processamento de dados que, agora no século XXI, podem ser significativamente superados por uma grande rede de interconexão em escala universal. O protagonismo que essas funções algorítmicas passarão a exercer leva o autor a pensar na possibilidade do fim da espécie humana: “[...] a criação de um sistema de processamento de dados ainda mais eficiente, chamado internet de todas as coisas. Uma vez cumprida essa missão, o *Homo Sapiens* desaparecerá” (p.383).

Na conclusão do livro Harari argumenta: “É igualmente duvidoso que a vida se resuma à tomada de decisões” (p.395). Todo o destaque dado para função algorítmica dos seres humanos, bem como ao seu aprimoramento por parte de máquinas, programações e inteligências artificiais, se calcam no aperfeiçoamento da máxima que somos radicalmente seres funcionais. A vida aparenta ser mais do que isso, e mesmo sem definir concretamente outras possibilidades de compreensão do fenômeno humano, desperta os olhos do leitor para observar algumas questões pertinentes levantadas pelo avanço do crescimento tecnológico abordadas durante todo o livro: “Será que os organismos são apenas algoritmos, e a vida apenas processamento de dados?”, “o que é mais valioso – a inteligência ou a consciência?” e “O que vai acontecer à sociedade, aos políticos e a vida cotidiana quando algoritmos não conscientes mais altamente inteligentes nos conhecerem melhor do que nós mesmos?” (p.399).

O livro em apreço é de um caráter extremamente relevante para as pesquisas atuais que envolvem, não apenas as ciências humanas, mas a amplitude de discussões em torno do futuro e autocompreensão da própria espécie, muito embora o enfoque seja quase que exclusivamente dado em uma abordagem materialista da história. Os argumentos possuem um forte mapeamento histórico, demonstrando um amplo domínio dos principais estágios do desenvolvimento humano e das sociedades.